

Douglas Eurico Cárcamo Carvalho

Pámela Reis

Rodrigo Diego da Silva

## **As Prisões do Apóstolo Paulo**

Trabalho para a matéria de  
Novo Testamento do Professor Sidnei da  
Faculdade Teológica Batista ABC

**Faculdade Teológica Batista ABC**

Abril/2007

## **1. A prisão de Paulo em Filipos**

Filipos era uma cidade macedônica cujo nome foi dado em homenagem ao rei Filipe, pai de Alexandre Magno. Em 350 a.C. Filipe reedificou-a, tornando-a uma das mais aprazíveis cidades do mundo antigo. Paulo passou por esta cidade durante a sua segunda viagem missionária.

Quando estava a caminho de um local de oração saiu ao seu encontro uma jovem que tinha um espírito de adivinhação, e dava muito lucro aos seus senhores, esta seguindo a Paulo e Silas falava dia após dia: “Estes homens são servos do Deus altíssimo e vos anunciam a salvação.” Paulo porém já indignado com tal situação expulsou-lhe o espírito de adivinhação em nome de Jesus.

Vendo os senhores da jovem que se desfizera a esperança do lucro, agarraram a Paulo e Silas e apresentaram-lhes perante os pretores, que após muitos açoites os lançaram no cárcere, ordenando ao carcereiro que os guardasse com toda a segurança.

Paulo e Silas perseveraram, e a meia noite enquanto oravam e cantavam louvores ao Senhor, sobreveio tamanho terremoto que sacudiu os alicerces da prisão, e todas as portas se abriram e soltaram-se as cadeias de todos.

O carcereiro ao ver que todas as portas haviam sido abertas, desembainhou a espada para se matar, pois pensou que todos tinham fugido. Paulo, porém apresentando-se a ele disse que todos estavam ali. O carcereiro vendo o que acontecera perguntou a Paulo como deveria proceder para receber a salvação, pois estava perplexo ao ver tamanha demonstração de poder da parte do Senhor, Paulo respondendo-lhe disse: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa” E na mesma hora creram, foram salvos e logo ajudavam Paulo com os seus ferimentos.

No dia seguinte enviaram os pretores oficiais de justiça com a ordem de soltar Paulo e Silas. Paulo, porém lhes replicou dizendo que foram açoitados e presos sendo eles cidadãos romanos e que não aceitariam serem soltos as escondidas, somente sairiam na presença dos pretores, estes por sua vez atemorizados por saberem que se travava de cidadãos romanos relaxaram-lhes a prisão e os libertaram.

## **2. A prisão de Paulo em Jerusalém**

Estando Paulo em Cesaréia foi avisado pelo profeta Ágabo, dirigido pelo Espírito Santo, que os judeus o prenderiam em Jerusalém, Paulo convicto do Deus a qual servia disse que estava pronto não só a ser preso mas também a morrer em Jerusalém pelo nome de Jesus. Saindo de Cesaréia deslocou-se para Jerusalém.

Passado algum tempo alguns judeus vindos da Ásia, local onde Paulo tinha se tornado muito conhecido, alvoroçaram o povo para o agarrarem sob a acusação de profanação do templo.

- *Ensina todos a serem contra os Judeus;*
- *Ensina a serem contra a lei;*
- *Ensina a serem contra Jerusalém;*
- *Introdução de gregos no templo sagrado, profanando assim o recinto.*

Diante destas acusações houve grande concorrência entre o povo e agarrando a Paulo o levaram para fora do templo.

Tais acusações eram dignas de apedrejamento. Esta situação chegou ao conhecimento do comandante da força que ao aproximar-se com os soldados o povo parou de espancá-lo, devido a grande confusão que existia entre o povo não foi possível determinar com clareza qual era a real acusação contra ele por este motivo Paulo foi recolhido à fortaleza.

A violência com que fora espancado foi tamanha, de tal modo que sem a ajuda dos soldados não conseguiria subir sozinho as escadas da fortaleza de Antonia.

Paulo pediu a palavra ao comandante, solicitando que lhe fosse permitido falar com o seu povo, o comandante lhe concedeu a permissão, e Paulo com um sinal pedindo silêncio começou a apresentar sua defesa em hebraico.

Percebendo o povo que Paulo falava em hebraico fizeram um silêncio maior ainda. Paulo iniciou defendendo a sua nacionalidade, influência e sua lealdade para com Jerusalém, trazendo a recordação o episódio onde havia solicitado cartas para ir a Damasco, no propósito de trazer manietados a Jerusalém os cristãos que lá estavam.

Falou-lhes acerca do encontro que tivera com Jesus Cristo a caminho de Damasco, do arrebatamento que teve quando orava no templo, e também do chamado do Senhor que lhe disse: "Vai por que hei de enviar-te aos gentios de longe".

Paulo foi recolhido à fortaleza para ser interrogado sob açoite, a fim de descobrirem por quais motivos clamavam contra ele, porém quando se apresentou como cidadãos romanos, imediatamente se afastaram aqueles que estavam prestes a inquiri-lo com açoites, e no dia seguinte foi apresentado perante o sinédrio.

Perante o sinédrio Paulo se apresentou como fariseu, o que gerou grande dissensão entre o povo, ao ser recolhido novamente para fortaleza o Senhor lhe apareceu garantindo que o mesmo testemunho que havia sido apresentado em Jerusalém chegaria a Roma.

No dia seguinte, os judeus enredaram outra cilada contra Paulo. Fervia a fúria popular. Tornou-se necessário preparar uma escolha excepcional, de 70 cavaleiros, 200 soldados, e 200 lanceiros para tirar Paulo de Jerusalém, e mesmo assim, na escuridão da noite.

### **3. A prisão de Paulo em Cesaréia e Roma**

A morte de Paulo estava decretada devendo efetuar-se de modo inesperado. Alguns dos judeus combinaram em pedir ao tribuno que mais uma vez mandasse vir o prisioneiro perante o concílio. Um filho da irmã de Paulo soube do plano e informou a seu tio, que por sua vez, mandou o pequeno dar notícia ao tribuno, Atos 23:12-22. Por este motivo, Lísias mandou aprontar forte contingente de tropas para conduzir Paulo a Cesaréia, com uma carta ao presidente Félix, para que ele resolvesse o caso. Quando Félix soube que o acusado era da Cilícia, determinou que se esperasse a vinda dos acusadores. Entretanto, conservou-o em segurança no palácio de Herodes, que servia de pretório, ou residência do procurador. Passaram-se dois anos de prisão em Cesaréia. Quando os judeus compareceram perante Félix, fizeram uma acusação em termos gerais, dizendo que Paulo era sedicioso, que havia profanado o templo, e queixaram-se da violência com que o tribuno Lísias o havia arrebatado das suas mãos, Atos 24:1-9. A isto, Paulo respondeu com formal negação apelando para o testemunho de seus acusadores, Atos 24:10-21. Félix estava perfeitamente informado, e sabia que Paulo não havia cometido nenhum crime que merecesse a morte. Despediu os acusadores adiando o julgamento para quando chegasse o tribuno Lísias. E mandou a um centurião que o tivesse em custódia sem tanto aperto e sem proibir que os seus o servissem.

Passados alguns dias, vindo Félix com sua mulher Drusila, que era judia, mandou chamar a Paulo e o esteve ouvindo falar da fé que há em Jesus Cristo, Atos 24:24. O apóstolo parece ter exercido estranha fascinação sobre o procurador que tremeu na sua presença, prometendo ouvi-lo de novo quando tivesse tempo. Esperava também que Paulo lhe desse algum dinheiro em troca de sua liberdade, Atos 25:26. O apóstolo não quis subornar o procurador, que adiou o julgamento. Dois anos depois, veio Pórcio Festo substituí-lo no governo, e Paulo ainda estava na prisão, Atos 25:27. Os judeus esperavam que o novo governador lhes fosse mais favorável do que o tinha sido Félix. Festo recusou-se a enviar Paulo a Jerusalém para ser julgado; que estando preso em Cesaréia partiria para lá dentro de poucos dias, a fim de tomar conhecimento das acusações, Atos 25:1-6. Ainda desta vez nada puderam provar. Paulo continuava afirmando a sua inocência, Atos 25:7-8. Festo, querendo agradar aos judeus, perguntou a Paulo se queria ser julgado em Jerusalém. Sabendo que a sua vida corria perigo se fosse ali julgado, serviu-se de seus privilégios de cidadão romano e apelou para César, Atos 25:9-11. Por este modo o julgamento escapou das mãos do procurador, e o prisioneiro tinha de ser remetido para Roma. Antes da saída de Paulo, Agripa II e sua irmã Berenice vieram visitar a Festo talvez por motivo de sua nomeação.

O novo procurador que não era muito versado em controvérsias judaicas, e como tinha de enviar ao imperador um relatório de informações sobre o caso, contou a Agripa o caso de Paulo. Por sua vez, o rei mostrou desejos de saber o que o prisioneiro dizia em defesa. Arranjaram-se as cousas de modo que Paulo comparecesse a uma assembléia destas notáveis personagens. Agripa era versado em casos de doutrina e poderia servir de muito para instruir o relatório que o procurador tinha de mandar para Roma, Atos 25:12-27. A defesa de Paulo perante o rei Agripa, é um dos seus mais notáveis discursos. Nele revela as qualidades de homem de elevada educação, a eloquência de orador e firmeza de cristão. Passa revista ao seu passado a fim de provar que em todos os seus atos procurou sempre servir a Deus, e que a sua carreira como cristão, não só obedecia a uma direção divina, como ao cumprimento das profecias, Atos 26:1-23. Quando Festo o interrompeu, exclamando: "Tu estás louco, Paulo", apelou energicamente para Agripa. Porém o rei estava disposto a ser simples observador e crítico do que ele julgava ser um novo fanatismo, e respondeu com uma frase de desprezo: "Por pouco me persuades a me fazer cristão", Atos 26:28. Contudo estava convencido de que Paulo não tinha crime e que poderia ser posto em liberdade se não tivesse apelado para César, Atos 26:31-32.

No outono do mesmo ano 60, Paulo foi enviado para Roma, confiado juntamente com outros presos ao cuidado de um centurião chamado Júlio, da coorte Augusta. Lucas foi seu companheiro juntamente com Aristarco de Tessalônica, Atos 27:1-2. Lucas é quem dá o relatório desta viagem com minúcias muito particulares e admirável exatidão. Veja James Smith, *Voyage and Shipwreck of St. Paul*. O apóstolo foi tratado com muita cortesia pelo centurião. Embarcando em um navio de Adrumete, chegaram a Sidom, donde partiram para a Mirra na Lícia. E achando ali o centurião um navio de Alexandria que fazia viagem para a Itália, embarcaram nele. Os ventos não eram favoráveis, e por isso foram obrigados a navegar lentamente e apenas puderam avistar a Cnido na costa da Cária. Tomando o rumo sul, foram costeando a ilha de Creta, junto a Salmona com dificuldade ao longo da costa, abordaram a um lugar a que chamam Bons Portos, Atos 27:3-8. Havia passado o jejum do décimo dia do mês de Tisri, o dia da expiação Atos 27:9, quando chegaram ao termo da viagem. O tempo continuava ameaçador. Paulo mostrou a inconveniência de continuar a viagem, mas o centurião deu mais crédito ao mestre e ao comandante do navio que eram contrários e desejavam chegar a Fênix e invernar ali por ser porto de Creta, onde havia bom ancoradouro, Atos 27:9-12. Mas logo que largaram de Bons Portos veio contra a ilha um tufão e vento, chamado Euro-aquilão, que arrojou a nau para o sul, indo dar a uma

pequena Cláudia (a moderna Gozzo). Alijada que foi a carga, e os aparelhos do navio, correram assim durante catorze dias à mercê dos ventos para os lados do ocidente. Paulo mostrava-se animado e animava os companheiros, porque o Senhor Ihe havia revelado em sonhos que nenhum deles havia de perecer, Atos 27:13-26. Lançando eles a sonda, perceberam que estavam perto de terra, e, lançando as quatro âncoras, esperavam que viesse o dia. Como tivesse aclarado o dia, não conheceram a terra: somente viram uma enseada que tinha ribeira, na qual intentavam encalhar o navio. Pelo que, tendo levantado âncoras, se entregaram ao mar, e se encaminharam à praia, Atos 27:27-40. O navio deu numa língua de terra; a proa afincada permanecia imóvel, ao mesmo tempo em que a popa se abria com a força do mar. Todos se lançaram às ondas; e, como Paulo havia dito, nenhum deles pereceu, Atos 27:41-44.

Nesta emocionante aventura, que Lucas descreve com tanta minúcia, o proceder de Paulo ilustra muito bem a coragem de um cristão e a influência que um homem de fé exerce sobre os outros indivíduos, em tempos de perigo. A terra a que haviam chegado era a ilha de Melita, que hoje se apelida Malta, situada a 58 milhas ao sul da Sicília, cujos habitantes receberam os naufragos com muita cordialidade. O procedimento maravilhoso de Paulo ganhou para ele muita honra e simpatia, Atos 28:1-10. Três meses depois, embarcaram em um navio de Alexandria que tinha invernado na ilha, no qual arribaram em Siracusa, onde ficaram três dias. De lá, correndo a costa, foram a Régio, e depois dias mais, apartaram a Potéoli, a sudoeste da Itália. Ali, Paulo encontrou irmãos em cuja companhia se demorou sete dias, Atos 28:11-14. Entretanto a notícia chegou a Roma. Os irmãos vieram encontrá-lo à Praça de Ápio e às Três Vendas, nomes de dois lugares distantes de Roma, 43 e 33 milhas, respectivamente. O centurião entregou os prisioneiros ao capitão da guarda, que era o prefeito da guarda pretoriana, cargo este exercido nesta ocasião, a.D. 61, pelo célebre Burro. Mommsen e Ramsay pensam que os prisioneiros foram entregues ao capitão de outro corpo a que o centurião Júlio pertencia, cujo ofício consistia em superintender o transporte dos cereais para a capital e outros encargos policiais. Realmente não sabemos quem foi que tomou sobre si a guarda de Paulo. O que se pode dizer é que ele ficou sob a guarda de um soldado com licença de habitar onde quisesse, Atos 28:16; Filipenses 1:7, 13. As apelações para César eram atendidas com muita morosidade. Dois anos inteiros permaneceu Paulo em um aposento que alugara, onde recebia a todos que o queriam ver, Atos 28:30. E assim termina a narrativa da primeira detenção de Paulo em Roma. Os Atos dos Apóstolos concluem dizendo que, passados três dias, convocou Paulo os principais dos judeus para informá-los dos motivos de sua prisão na capital, tendo-lhe aprazado dia para dar testemunho do Reino de Deus, convencendo-os a respeito de Jesus, pela lei de Moisés e pelos profetas, desde pela manhã até à tarde. Como não o quisessem crer, declarou mais uma vez que aos Gentios era enviada esta salvação. A prisão não o impedia de exercer a sua atividade missionária, Atos 28:17-31. As epístolas que ele escreveu neste período iluminam mais de perto esta fase de sua história: são as epístolas aos Colossenses, a Filemom, aos Efésios e aos Filipenses.

As primeiras três foram provavelmente escritas no princípio deste período, e a última no fim. Por elas se vê que o apóstolo tinha muitos amigos fiéis em Roma trabalhando com ele, entre os quais se contam: Timóteo, Colossenses 1:1; Filipenses 1:1; 2:19; Filemom 1:1; Tíquico, Efésios 6:21; Colossenses 4:7; Aristarco, Colossenses 4:7, 10; Filemom 24; João Marcos, Colossenses 4:10; Filemom 24, e Lucas, Colossenses 4:14; Filemom 24. Estes amigos tinham livre acesso à sua pessoa e operavam como mensageiros para as igrejas e como cooperadores em Roma. Paulo na prisão era o centro de onde irradiava a luz do Evangelho para todo o império. As epístolas citadas põem em relevo a atividade pessoal do eminente apóstolo. Com grande zelo e apreciáveis resultados, apesar das suas cadeias, pregava o Evangelho: estando em cadeias fazia o ofício de embaixador, Efésios 6:20. Pedia a seus amigos

que orassem a Deus para que se lhe abrisse a porta da palavra para anunciar o mistério de Cristo, Colossenses 4:3. Em Onésimo, escravo fugido, vemos um exemplo vivo do fruto de seu trabalho, Filemom 10. À medida que o tempo corria, aumentava também o seu trabalho. Escreveu aos Filipenses 1:12-13, que todas as cousas que lhe tinham acontecido haviam contribuído para proveito do Evangelho, de maneira que as suas prisões se tinham feito notícias em Cristo por toda a corte do Imperador e em todos os outros lugares. Enviou saudações dos que eram da família de César. Ao mesmo tempo sofria oposição até mesmo de alguns dos crentes, provavelmente do tipo judaico, Filipenses 1:15-18, e que ele enfrentava com ânimo sereno, esperando ser em breve livre das prisões, Filipenses 1:25; 2:17, 24; Filemom 22.

A detenção de Paulo serviu nas mãos de Deus para habilitá-lo a exercer com mais precisão o ofício de embaixador de Cristo. Finalmente, as epístolas provam que o apóstolo superintendia a todas as igrejas espalhadas pelo território do grande império. Na Ásia surgiram novas heresias. Nas epístolas que escreveu na prisão, forneceu as mais preciosas instruções acerca da pessoa de Cristo e dos eternos propósitos de Deus revelados no Evangelho, e ao mesmo tempo as direções práticas que elas contém descubram a largueza do círculo em que exercia a sua atividade, e o fervor de sua vida cristã.

O livro dos Atos termina deixando a Paulo na prisão em Roma. Existem abundante provas que nos levam a crer que ao cabo de dois anos foi solto, continuando as suas viagens missionárias. As provas referidas podem ser condensadas da seguinte forma:

**Primeiro:** Os versículos finais dos Atos acomodam-se melhor com esta idéia, do que pensando que a prisão do apóstolo terminou pela condenação e morte. Lucas dá relevo ao fato de que o apóstolo pregava o Reino de Deus e ensinava as cousas concernentes ao Senhor Jesus Cristo com toda a liberdade e sem proibição, dando-nos a entender que o fim de sua atividade não estava próximo.

**Segundo:** Na epístola aos Filipenses 1:25; 2:17, 24, em Filemom 22, diz claramente que cedo ficaria livre. Esta esperança encontra apoio no tratamento que havia recebido dos oficiais romanos. Deve-se notar que as perseguições de Nero contra os cristãos ainda não haviam começado; que se o apóstolo fosse condenado, seria um ato sem precedentes nas relações do governo com os cristãos; que em face das leis do império, sendo os cristãos tidos como seita judaica, eram garantidos no exercício de suas crenças. É provável também que na acusação contra Paulo entrasse algum crime contra as leis romanas. Contudo, o relatório enviado por Festo nada continha que o desabonasse, Atos 26:31, nem parece que os judeus tivessem mandado algum acusador a Roma, Atos 28:21.

**Terceiro:** Afirma a tradição que Paulo foi solto e reassumiu a sua atividade missionária sendo mais tarde novamente preso. Clemente de Alexandria a.D. 96, dá a entender claramente que o apóstolo chegou a ir à Espanha, quando diz que em suas viagens "chegou ao extremo ocidente". Este fato é confirmado pelo Fragmento Muratório, a.D. 170. Com isto concorda a história de Euzébio, a.D. 324, onde se diz que, segundo a tradição comum, depois que Paulo saiu da prisão, tendo feito a sua defesa, se entregou de novo ao ministério da pregação, e mais uma vez foi a Roma, onde sofreu o martírio. É admissível que esta evidência tradicional não seja suficientemente forte para uma demonstração absolutamente exata; porém, pertence a uma época remota e é em si mesma bastante forte para confirmar a evidência contra a qual não se pode opor nenhuma outra.

**Quarto:** Ninguém pode contestar que as epístolas a Timóteo e a Tito não sejam genuínas em razão da evidência interna e externa a seu favor. Ora, nenhuma delas é mencionada na história de Paulo, como a dá o livro de Atos. Logo, deve pertencer a uma época posterior, o que nos leva a aceitar a tradição referida por

Euzébio. Devemos, pois, acreditar que o apelo feito do tribunal de Festo para o de César deu em resultado a sua liberdade.

---

Fonte: Geografia Bíblica;  
Bíblia de estudos Plenitude;  
Bíblia de estudos Shedd.